

Actas do I Congresso da APEC «Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa», Coimbra, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos — Instituto de Estudos Clássicos, 1999.

Este volume reúne as comunicações apresentadas ao Congresso, subordinado ao tema em epígrafe, organizado pela Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, em associação com o Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, realizado em Coimbra, nos dias 4, 5 e 6 de Junho de 1998.

Depois de nos últimos anos ter organizado e patrocinado inúmeras iniciativas em prol dos Estudos Clássicos, entendeu pela primeira vez a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos realizar um congresso, cujo objectivo principal, nas palavras de Francisco de Oliveira, «foi a apresentação de uma visão geral da influência da cultura greco-latina na cultura portuguesa, em todas as suas formas de expressão (literatura, arte, política, filosofia, ciência, etc.), numa perspectiva, portanto, interdisciplinar.» (p. 8).

As várias comunicações que constam deste volume dão bem conta de quão plurifacetada é, de facto, a herança greco-latina na cultura portuguesa. Aí podemos encontrar rastreadas as raízes greco-latinas da cultura portuguesa em áreas tão diversas como a Arte, a Ciência, o Direito, a Geografia, a Etnografia, a Filosofia, a História, a Língua, ou a Literatura.

Não obstante a grande diversidade de áreas temáticas, há três núcleos que assumem preponderância: o Humanismo Renascentista, a influência da cultura greco-latina em autores da literatura portuguesa (sobretudo contemporânea), e o ensino dos Estudos Clássicos em Portugal.

Se houve período em que a cultura greco-latina renasceu em toda a sua plenitude e foi alvo de todas as atenções, esse período foi o Renascimento. Não estranha, por isso, que haja um grupo de comunicações que tenha por objecto o tratamento do assunto, sobretudo no que concerne ao Humanismo Renascentista. Uma palavra de destaque para a magistral comunicação de Américo da Costa Ramalho («Humanismo em Portugal», pp. 147-160), pela síntese que faz da questão.

Uma série de comunicações veio provar, a quem ainda disso tivesse dúvidas, a enorme vitalidade da cultura clássica que, a todo o momento, adquire vida e expressão na literatura portuguesa da actualidade. O legado da cultura clássica é objecto de estudo particular em autores como Fernando Pessoa, Aquilino Ribeiro, Vergílio Ferreira, Agustina Bessa Luís, Hélia Correia, Eduarda Dionísio ou Seomara da Veiga Ferreira. Uma atenção particular para a comunicação de José Ribeiro Ferreira («Temas Clássicos na Literatura Portuguesa Contemporânea», pp. 395-429), onde se traça uma

visão de conjunto da herança da cultura clássica na literatura portuguesa contemporânea.

Duas comunicações traçam o percurso acidentado do ensino dos estudos clássicos, em geral, e das línguas clássicas, em particular, no nosso país. Referimo-nos a («O ensino das Línguas Clássicas em Portugal – da reforma pombalina ao Curso Superior de Letras», pp. 431-448) de Victor Jabouille e a («Os Estudos Clássicos entre a I República e a actualidade. Evolução e novas perspectivas», pp. 449-463) de M. H. da Rocha Pereira.

Consideramos, portanto, que a publicação deste volume constitui um contributo importante para uma reflexão renovada e interdisciplinar sobre o legado clássico na cultura portuguesa. Por isso, entendemos que foi extremamente meritória a iniciativa da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos/Instituto de Estudos Clássicos, fazendo, desde já, votos de que venha, em breve, a ter prosseguimento.

ANTÓNIO ANDRADE

António Afonso Borregana, *Gramática Latina*, Lisboa, Lisboa Editora, 1999

Na sequência da edição anterior de manuais de Latim para o 10.º, 11.º e 12.º anos, A. Borregana publicou a obra em epígrafe, por forma a servir de manual de apoio para os alunos de Latim do Ensino Secundário. Ainda que o autor refira que não deixou de ter em conta os novos modelos de gramáticas latinas editados nos últimos anos, em vários países, verificamos, no entanto, que a descrição da língua é feita de acordo com a tradicional gramática descritiva, sem introduzir diferenças de abordagem significativas em relação às gramáticas de Latim, já existentes em língua portuguesa. De facto, o autor pretende, tal como ele próprio afirma, colocar à disposição dos alunos «uma gramática de modelo clássico, descritiva da língua, com regras formuladas clara e sinteticamente, e sempre confirmadas com exemplos variados e esclarecedores» (p. 15).

À semelhança do que tem sido feito em outros países europeus, inclusive com gramáticas de uso escolar para níveis iniciais e médios, julgamos que teria sido útil reformular o tratamento de algumas questões, em particular de ordem morfossintáctica, aproveitando para o efeito os novos modelos de análise disponibilizados nas últimas décadas pela constante evolução da fonética, morfologia, sintaxe e semântica. O tratamento de questões de sintaxe oracional como as proposições condicionais ou as relativas, e a análise do sistema demonstrativo/fórico latino, para apresentar apenas alguns exemplos, muito teriam a ganhar com novas abordagens mais